



Jornal da Cidade

Apoio:



Cidadãos de Maputo | Edição 01 | Mensal | Julho de 2020 | cidadaosdemaputo@gmail.com | Gratuito

Parques e zonas de recreação estão cada vez mais escassos



Destques

Pág. 02 **É cada vez mais difícil estacionar na Cidade de Maputo**

Pág. 04 **Parques e zonas de recreação tornam-se cada vez mais escassos**



Editorial

Em 2014 um grupo de cidadãos, residentes na cidade de Maputo, movidos pelo espírito cívico, decidiram juntar-se, de livre e espontânea vontade, para reflectir sobre a qualidade de vida da sua cidade, que se degradava, dia-após-dia. Destas reflexões, associadas a uma vontade genuína de sugerir soluções às autoridades municipais, nasceu o movimento “Cidadãos de Maputo”.

O esforço, do movimento, logo no início, foi no sentido de construir pontes de colaboração com as autoridades do Conselho Autárquico de Maputo, visando a identificação de problemas e preocupações comuns, afectando a qualidade de vida da cidade, bem como a troca de sugestões sobre as possíveis soluções. Um primeiro resultado desta reflexão viria a ser a elaboração de 37 propostas de acção, apresentadas às autoridades municipais.

Foi na sequência desses objectivos e propostas que o movimento decidiu criar um Jornal da Cidade, focado sobre os seguintes objectivos: (1) promover reflexões em torno de assuntos-chave que digam respeito à gestão municipal, propondo –lhes, ao mesmo tempo, possíveis soluções; (2) criar um veículo de expressão livre e responsável de opinião, quer por parte dos munícipes quer por parte das autoridades municipais e (3) incentivar o munícipe a participar activamente na vida da sua Cidade através da expressão livre e responsável de opinião.

Assim, este Jornal é uma publicação periódica exclusivamente dedicada a assuntos da Cidade de Maputo, que sejam considerados de interesse público.

Trata-se de uma publicação independente de quaisquer interesses alheios aos dos munícipes e que pretende estimular o espírito cívico dos munícipes, e ajudar a consolidar mecanismos de colaboração genuína com as autoridades Municipais, de forma aberta e descomprometida.

Nessa perspectiva, é nosso desejo que a abordagem de qualquer assunto, através deste meio, seja com espírito construtivo, onde a identificação de qualquer problema seja seguida de propostas de solução, sempre que possível.

O Jornal terá uma periodicidade mensal e será de distribuição física e electrónica gratuita, estando associado a uma plataforma electrónica através da qual os munícipes poderão canalizar as suas contribuições.

Sendo um projecto modesto, cada edição deverá concentrar-se em dois temas, nos quais se aflorem ideias ou problemas e propostas de possíveis soluções; se recolham e divulguem opiniões recolhidas na rua, ou ainda uma opinião especializada em torno de qualquer assunto relevante à vida da cidade.

Para o presente número escolhemos os temas do estacionamento na cidade e dos parques, alguns dos assuntos críticos, afectando a qualidade de vida da Cidade de Maputo.

Se os problemas de estacionamento parecem agora atenuados, pela diminuição do tráfego, tal realidade é contudo momentânea, ditada pelas medidas do Estado de Emergência ora em vigor.

Em contrapartida, a ocupação permanente e desenfreada de parques resultou na ausência de espaços para a prática de actividade física e lazer, levando a que muitos grupos de cidadãos se amontassem nas ruas e em passeios, colocando em perigo a sua vida e a do público em geral.

Enquanto estava em preparação a presente edição, eclodiu a pandemia do Coronavírus, que afectou a vida das cidades de todo o mundo. Se num momento inicial chegamos a pensar que o Jornal teria ficado sem propósito, contudo, passado o choque inicial, a conclusão foi em sentido inverso: esta crise sanitária constituía uma excelente oportunidade de constatação ou de despertar de consciências, sobre os desafios que o presente quadro, de ajuntamento urbano quase caótico, representa, quando surgem calamidades desta natureza e abrangência!

Uma Cidade é feita pelos seus cidadãos e suas instituições. Esperamos que, com esta iniciativa, estejamos a fazer a nossa parte.

É cada vez mais difícil estacionar na cidade de Maputo

O que está a acontecer?

Quem tem de circular na cidade de Maputo de automóvel depara-se, entre outros problemas, com a enorme dificuldade de estacionar. O aumento do número de viaturas circulantes em Maputo ultrapassa em grande medida a capacidade de estacionamento disponibilizado. Em resposta, assiste-se a um estacionamento desordenado, normalmente em cima dos passeios, impossibilitando a circulação dos peões, em espinha, o que ocupa uma parte da estrada, ou em segunda linha, o que condiciona o trânsito. Em resposta, e agravando o problema, um número crescente de espaços são comercializados pelo Conselho Municipal fazendo com que os já escassos lugares disponíveis fiquem ocupados por cones de reserva, mesmo sem serem utilizados, reduzindo ainda mais a capacidade de estacionamento na cidade disponível para os Municípes.

As causas

Os problemas de estacionamento estão associados a vários factores que provocam um grande desequilíbrio entre a capacidade e procura, nomeadamente:

- A incapacidade do sistema de transporte público oferecer um serviço digno, eficaz e seguro (o que nos parece ser o factor mais importante)
- O aumento da capacidade de aquisição de viaturas
- A ausência de parques de estacionamento públicos
- A concentração crescente e não planificada de serviços nas zonas centrais da cidade
- A redução de espaços disponíveis pela privatização de lugares destinados a estacionamento públicos

O que se pode fazer?

A resolução efectiva de qualquer problema passa obrigatoriamente por uma avaliação global das suas causas e interações e a planificação de estratégias que, pela sua complexidade, passam normalmente por medidas a curto, médio e longo prazo. Assim, para além da identificação das causas, há que ter em conta o contexto em que o problema se insere. A solução efectiva passa necessariamente pela **melhoria efectiva e consistente do sistema de transporte público** na cidade. Outras propostas poderão atenuar o problema das quais se adiantam algumas ideias que não podem ser aplicadas, estamos conscientes, de forma descontextualizada e sem um plano concertado e executável.

1º Terminal com a prática de comercialização de espaços que se tornam exclusivos com excepções justificáveis, mas mesmo assim em número razoável, como sejam hospitais, farmácias, hotéis (para saída e entrada de hóspedes) e embaixadas. Espaços dedicados a lojas, bancos, residências, escritórios, entre outros, não deverão ser comercializados;

2º Implementar um sistema de estacionamento rotativo em todas as zonas de serviços já congestionadas, salvaguardando os moradores e horários fora do expediente. Este sistema deveria ser manual para permitir a criação de emprego;

3º Tornar obrigatório novas construções terem parques de estacionamento com

capacidade suficiente para moradores, funcionários e visitantes;

4º desconcentrar de imediato novas construções para áreas que não estejam já sobrelotadas;

5º Planificar zonas de escritórios fora das zonas centrais para dispensar o trânsito;

6º Transformar terrenos baldios da cidade em parques de estacionamento públicos.

Dada à situação existente, estas medidas carecem de coragem e determinação por parte das autoridades. Uma boa campanha prévia seguida de medidas administrativas resultaria, julgamos, numa melhoria da qualidade de vida da cidade que os municípes apreciariam.

Casos específicos

Caso 1: Contámos na Av Julius Nyerere uma elevada quantidade de lugares reservada para estacionamento privado. Em consequência, os engarrafamentos por estacionamento em segunda linha são constantes. Mesmo para uma simples paragem para entrada e saída de passageiro é preciso ficar na estrada. Esta pratica continua activa. Na foto um estacionamento colocado em Abril de 2020, quando tudo indicava que o CMCM iria parar com essa prática.



A VOZ DO MUNÍCIPE

Perguntamos aos municípes o que achavam do problema do estacionamento na cidade. Eis algumas respostas:

“Os poucos espaços existentes na cidade já foram privatizados, comprados por algumas organizações com capacidade financeira, que mesmo que os espaços estejam vazios, não nos permitem estacionar nesses locais mesmo sendo por pouco tempo”. (Anónimo)

Aqui na Embaixada onde eu trabalho, por exemplo, o automobilista mesmo vendo cones estaciona à força e quando falo com eles não me ouvem porque sou guarda. A embaixada comprou esse espaço todo, ela paga ao município e quando o chefe chega enquanto fecharam espaço zanga-secomigo. (Guarda duma embaixada)

Acho que a razão das pessoas estacionarem nos passeios é porque não há espaços para estacionamento. Por exemplo, nós estamos aqui a fazer taxi, aqui é uma instituição, as pessoas querem vir vamos supor que são 3-4 carros e ali só tem um e único sítio para estacionar um carro, agora os outros terão que parar na rua ou passeio. (Taxista)

Há falta de zelo pelo próprio Município, porque talvez se houvesse uma proibição intensiva, isto pudesse reduzir. (Transeunte na Av. 25 de Setembro)

Não sei quem planeia isso; mas veja que puseram o banco e esqueceram-se de que os clientes que lá

vão têm carros. Só se preocuparam em pôr o Banco e não condicionaram para os utentes pararem. (Morador da PolanaCimento A)

Se haver estacionamento privado seria uma solução, pelo menos vai se pagar a estacionar no sítio certo. (Automobilista)

O problema de estacionamento é devido ao facto do parque de automóveis que já superou a capacidade instalada nessa cidade. (Taxista bairro central)

O número de carros que está aqui não corresponde ao número de parques que estão aqui. Segundo o código de estradas é proibido estacionar nos passeios, mas acho que o Conselho Municipal acabou tolerando, porque o que temos visto não é normal. (Residente de Laulane)

Nem sempre que os carros estacionam nos passeios é exatamente porque não há espaços de estacionamento. Há falta de educação rodoviária, porque alguns estacionam nos passeios enquanto tem bermas disponíveis. (Taxista)

Estacionam nos passeios e obrigam os peões, que tem direito de circular nos passeios a terem que andar mesmo na estrada. (Trabalhador da cidade de Maputo)

Caso 2: Muitas residências são ladeadas por cones de proibição. Tudo serve para assinalar a “propriedade privada”. Neste caso, são duas residências desabitadas há vários anos. Contactada a instituição proprietária, disseram-nos que mantinham assim porque pagam a taxa para o efeito.



Caso 3: De acordo com a postura, a proibição de estacionar deve indicar o horário. Há uma grande inconsistência na prática das placas, pois há as que têm horário, as que não têm e as que têm mas os cones ficam em todas as horas. Muitos desses lugares são “alugados” conforme a conveniência dos “proprietários e “guardas”. Há mesmo quem pinte o chão e decida arbitrariamente. Na foto, cones colocados por um restaurante que não tem qualquer placa. São 5 lugares ocupados durante 24 horas.



Caso 4: Terrenos baldios poderiam ser transformados em parques de estacionamento ao invés de estarem desaproveitados ou se destinarem a mais construções em zonas superlotadas, agravando o problema



TRANSPORTE PÚBLICO: O problema central do estacionamento

Embora várias medidas devam ser tomadas para minimizar o problema do estacionamento, a ausência de um sistema de transporte público harmonioso, seguro e eficaz, constitui, em nossa opinião a causa principal do excesso de viaturas da cidade que dão origem não apenas ao problema de estacionamento como a de muitos outros como seja a poluição, o custo económico de grandes filas de espera para citar alguns exemplos. Uma futura edição do Jornal da Cidade dedicar-se-á especificamente a este tópico. Fica contudo, o reparo, um bom sistema de transporte público será o factor decisivo na solução do problema de estacionamento.



PARTICIPAÇÃO DA EMME

Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento

As cidades dos países em desenvolvimento quer na Ásia como em África, onde Maputo também se enquadra, enfrentam problemas sérios de estacionamento e mobilidade nos seus principais centros urbanos, motivados principalmente pelo rápido crescimento do parque automóvel, e a prevalência de sistemas de transportes públicos inadequados e ineficientes.

Os sistemas de transporte público ineficientes, obrigam as pessoas a usarem as suas viaturas particulares que, consequentemente, aumenta a necessidade de estacionamentos para essas viaturas. A mitigação destes problemas só é possível encontrando-se formas de reduzir as viaturas privadas nos centros urbanos, devendo-se por isso conceber soluções dentro de uma visão mais abrangente, com a integração dos diferentes modos de transporte que incluam os transportes públicos, as viaturas particulares, os pedestres, os ciclistas, de forma a conseguir-se que o espaço das cidades seja melhor aproveitado, facilitando a mobilidade urbana.

Como forma de minimizar esses

problemas, a maioria das cidades, incluindo as mais desenvolvidas, procuram melhorar os seus sistemas de transporte de pessoas em massa, e simultaneamente aplicam taxas de estacionamento nos centros urbanos para desincentivar o uso de veículos particulares nesses centros. A cobrança dessas taxa, para além de desencorajar o uso de veículos particulares nas zonas urbanas, visa também captar receitas para os Municípios necessárias para a manutenção das infraestruturas urbanas, incluindo as dedicadas à mobilidade, estacionamento e transportes públicos. Uma provável eliminação das taxas de estacionamento não só deixaria o CMM sem capacidade para intervir nos trabalhos de manutenção das suas infraestruturas e/ou programas de investimentos municipais, como também incentivaria o estacionamento abusivo e desordenado de veículos particulares na via pública, contribuindo dessa forma para uma mobilidade insustentável.

Para se poder dar uma resposta a esses problemas que se apresentam já de elevada magnitude, o CMM através da EMME (Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento) está neste momento a trabalhar

na concepção de projectos assentes numa lógica integrada, para serem implementados na cidade de Maputo, e que visam a melhoria da mobilidade urbana no seu todo, incluindo a requalificação de algumas artérias da cidade, a introdução de meios de transporte públicos para aliviar o uso excessivo de viaturas particulares dentro dos centros urbanos, a construção de silos auto para estacionamento de viaturas a serem construídos em zonas estratégicas da cidade, a implementação de um sistema de cobrança do estacionamento rotativo através do uso de uma plataforma electrónica e, finalmente, a possibilidade da implementação de uma linha de metro para interligação dos diferentes bairros da zona metropolitana de Maputo, incluindo a baixa da cidade, para o transporte de grande volume de pessoas dos seus locais de residência para os seus locais de trabalho e vice-versa.

Naturalmente que estes projectos são bastante ambiciosos, de grande dimensão e complexidade, mas devem, de alguma forma, começar a serem implementados para a resolução dos problemas de estacionamento e mobilidade urbana na cidade de Maputo.

OPINIÃO

Vieira Mário “Khufene Mauelele”

Tema:

Fácil é não estacionar em Maputo

Na verdade, circula de boca em boca, como moeda corrente, a afirmação de que a palavra estacionamento assume, para os leigos como para os especialistas em tráfico urbano, um duplo sentido. Por vezes assume o termo estacionamento um significado de dor de cabeça – é sinónimo de falta de conjunto e princípios regulamentadores, de regras de estacionamento, de normas de disciplina social. Outras vezes no segundo aspecto a palavra estacionamento expressa um sentido de Cidades Inteligentes – sinónimo de eficiência da cidade, assim quando se diz que uma cidade é inteligente – significa o mesmo que as regras funcionam e as estruturas acompanham o ritmo do desenvolvimento.

O que é uma cidade Inteligente?

Em duas palavras (até porque não é escopo do presente trabalho) seria uma cidade com transporte público para todos, construções ordenadas, consciencialização da população em termos de uso e consumo etc., alcançado estes objectivos teríamos os problemas do estacionamento resolvido. Vejamos o seguinte:

- Transporte público para todos – isto diminui a avalanche dos carros na cidade, porque não haveria grande necessidade de usar seu carro particular para deslocações diárias se existe um bom sistema de transporte, diversificado e cumpridor de horários;
- Construções ordenadas – implicam uma cidade capaz de acolher todos interesses ou actividades, deste parque de estacionamento, espaços comerciais, passeio de uso exclusivo dos peões, pontos seguros para a paragem dos transportes, espaços de lazer jardins etc.
- Consciencialização da população – em bom rigor este é o factor mais importante, visto que é a sociedade que se movimenta, que desorganiza, que organiza. Ora, a almejada organização só será possível com a educação e sensibilização contínua da população do bom uso e o aproveitamento da cidade sem criar danos.

Qual é a nossa realidade?

São dispensáveis os serviços de um curandeiro para mostrar que estamos mergulhados até aos dentes, numa cidade desorientada, assistimos todos os dias o aumento populacional incluído a população de veículos automóveis, tudo isto sem o devido acompanhamento das construções. Todos estes factores fragilizam muito os estacionamentos.

Assistimos o condicionamento dos espaços, diminuindo a capacidade de resposta à pressão exercida.

Khufene Mauelele.



Parques e zonas de recreação tornam-se cada vez mais escassos

Todas as cidades bem planeadas procuram apetrechar-se de um adequado número de parques, zonas recreativas e de equilíbrio ecológico que permitam aos cidadãos de todas as idades passearem, divertir-se, andar de bicicleta, descansar de forma recreativa e activa. As zonas verdes, as pistas para patinagem, skate e bicicleta, os parques infantis e campos desportivos constituem uma prioridade de uma cidade virada para os cidadãos.

São inúmeros os benefícios de uma cidade que preserve os parques e lugares recreativos públicos, principalmente numa era de muita correria, e de recursos escassos, para pagar os espaços recreativos privados (como acontece em alguns casos), bem como numa sociedade com problemas recorrentes de saúde e a pressão do dia-a-dia. Os parques proporcionam quebra de monotonia, valor estético, físico e psicológico para a vida urbana dos seus habitantes. Eles permitem o desenvolvimento de actividade de carácter social colectivo, e constituem, sem dúvida, um elemento activo na composição da urbe e na caracterização da imagem da cidade.

O Plano de Estrutura Urbana do Município de Maputo (PEUMM), no artigo 13 e nos artigos 53 a 56, menciona os critérios e regulamentos a serem adoptados no que se refere a importâncias e equipamentos sociais. Os artigos 77 e 78 abordam e caracterizam o tipo de espaços verdes, bem como os usos preferenciais consoante as características das zonas. Esses mesmos artigos referem o tipo de tratamento a ser adoptado para espaços verdes, relatando a importância de que estes se revestem no meio urbano.

O que está a acontecer?

Em Maputo ocupam-se cada vez mais zonas verdes e recreativas com edifícios (em muitos casos os lugares recreativos são repartidos para outros fins), reduzindo a possibilidade de crianças e os adultos, novos e idosos, se recrearem de forma saudável.

Por outro lado, a cidade de Maputo expande-se, fazendo surgir novas zonas habitacionais que, na sua maioria, não são acompanhadas com equipamentos sociais de onde se incluem os parques e zonas recreativas.

Com base em estudos anedóticos, crê-se que,

a área recreativa por habitante esteja a reduzir drasticamente. Num desses estudos, foi estimado que a área recreativa por habitante da zona central de Maputo era de 0,22m²/hab, número vinte vezes inferior ao mínimo recomendável. O mais grave é que este número está a reduzir de forma exponencial, pois tem sido reportado, nos últimos anos, o desaparecimento de várias instalações recreativas, desportivas e de lazer, bem como a ocupação de várias áreas verdes da Cidade.

São exemplos as diversas construções no Circuito Repinga, as intensas construções nas zonas ecologicamente frágeis e de protecção

ambiental, como o aterro de Maxaquene, as barreiras íngremes, o mangal da Costa do Sol, as construções no Parque dos Continuadores e no vulgo Jardim dos Madjermanes, entre muitas outras. Em vez de um equipamento de carácter social e de uso colectivo, diversos parques e bairros estão a ganhar algum tipo de construção apenas de carácter comercial.

Na nossa Cidade é hoje difícil caminhar, respirar ar puro e ver o mar. As nossas crianças não têm onde brincar e crescer saudáveis. As zonas mais bem urbanizadas estão muito pressionadas com arranha-céus constituindo verdadeiras “paredes” de grande extensão,

enquanto muitas áreas suburbanas, necessitadas de requalificação, permanecem sem sofrer melhorias.

Estas preocupações veem de há já anos. Por exemplo, em 2007, numa carta dirigida aos Membros da Assembleia Municipal e assinada por dezenas de profissionais de Educação Física e Desporto, era já manifestada a preocupação pela ocupação dos espaços recreativos e desportivos da cidade. De então para cá, não apenas não se criaram mais espaços como os existentes continuam a reduzir.



O que se pode fazer?

A solução passa necessariamente por uma planificação harmoniosa que preveja os espaços verdes e recreativos. Para isso é imperioso que:

- A planificação urbana e sua operacionalização adoptem critérios urbanísticos que garantam o equilíbrio entre a densidade populacional e a disponibilidade de locais de lazer activo e zonas verdes, incluindo espaços de desporto, pistas para bicicletas e caminhadas, e jogos recreativos.
- Nos parques e jardins, os sistemas construtivos adoptados sejam mais adequados e inclusivos a todos os cidadãos, interferindo o menos possível na paisagem urbana.
- Se pare imediatamente com a ocupação de espaços verdes e recintos desportivos e se restituam os que forem possíveis, ou se encontrem espaços alternativos de compensação.
- Todas estas medidas se apliquem a todas as regiões da cidade, ou seja, que inclua do mesmo modo as regiões urbanas e peri-urbanas.

A VOZ DO MUNÍCIPE

Perguntamos aos munícipes, sobre o que achavam do problema do estacionamento na cidade. Eis algumas respostas:

Lamentável ver a ocupação de parques públicos e zonas de recreação gratuita de Maputo. O Repinga foi criado para as pessoas e não atividade económica. Bairro Central

É triste viver numa cidade e acompanhar o desaparecimento e destruição dos espaços verdes. Porque não imitamos outras cidades do mundo que se preocupam em expandir e criar seus espaços públicos para seus residentes? Polana Caniço A

Isso é uma vergonha, mais construções, por exemplo, no Repinga já tínhamos tido uma invasão antes, por que esse que já tinham ocupado não foi notificado a contribuir na manutenção? Agora voltam a colocar edifícios comerciais, que absurdo. Magoanine C

Esta situação é grave, esta a se transformar as zonas de lazer, parques e jardins em bares, restaurantes, vendas informais, limitando os locais para as nossas crianças, idosos brincarem, passearem. Alegria- Bairro Central

Para além dos espaços da maioria dos espaços verdes da cidade de Maputo virar locais transformados em barracas etc. Temos o exemplo concreto o Jardim 28 de Maio, muito triste como em pouco tempo se estragou deixando de ser jardim e se transformado num local de grande poluição e bebedeiras. Sem local para as crianças poderem se correr brincar e o Jardim Tunduro de renome e que manteve até 2009 com a sua beleza, já esta a

começar com o mesmo que o Jardim 28 de Maio. Residente do Polana Cimento

Jardins são locais de lazer que devem existir para permitir as nossas crianças e idosos poderem respirar ar puro, correr, jogar, conversar, relaxar, se não fizer nada esses poucos locais correm sérios riscos de desaparecer. Residente de Choupal

É preciso urgentemente se fazer algo e proteger todos os jardins existentes e dar prazo para que todos os empreendimentos construídos sejam removidos e ainda que se planifiquem espaços verdes, jardins parques noutros locais, zonas de expansão para que as pessoas possam sair de casa e dar uma volta, respirar ar puro, aliviar stress. Residente da Costa de Sol

Que urgentemente seja avaliado o estado actual de todos os jardins, que analisem o histórico para se concluir o que é mais correcto para recuperar porque pouco a pouco se está a perder os poucos espaços existentes e todo histórico, do tempo colonial. Pois não foi construído mais nenhum, pelo contrário destruímos os poucos que temos. Residente da Cidade de Maputo

Quase todos os parques e jardins estão ocupados indevidamente, em algumas zonas até os anos 80 existiam alguns, mas foram vendidos. Que o governo reative e crie nos espaços para recreação, os espaços recreativos são importantes para a saúde. Residente da Cidade de Maputo.

CAIXA TÉCNICA

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TEM REVELADO EFEITOS NEFASTOS NA SAÚDE PÚBLICA

Estudos disponíveis relativos à Saúde Pública da Cidade de Maputo revelam dados preocupantes. Ao longo dos anos diversas publicações científicas tem mostrando uma elevada deterioração dos indicadores de risco de doenças não transmissíveis como a diabetes, hipertensão e doenças cardíacas tanto em adultos como em crianças. Estes estudos sugerem que uma importante responsabilidade deste panorama está associada a alterações de estilo de vida provocados pela crescente urbanização não planeada. Por exemplo, a percentagem de meninas em idade escolar em Maputo com peso excessivo aumentou de 6.9% em 1992 para 20.3% em 2012 e a taxa de tensão arterial elevada chegou a atingir em alguns escalões casos os 66%. Por seu turno, na população adulta, de 2005 para 2015 a peso excessivo em Moçambique aumentou de 18.3% para 30.5% sendo que em Maputo mais de metade das mulheres já apresentam peso acima dos limites. Dados de há cerca de 25 anos indicavam que nenhum destes problemas existia.

Casos específicos

Caso 1: O Jardim de Magoanine foi construído em apoio às vítimas das cheias de 2000. Na altura, fez-se um campo de Futebol, um parque infantil e plantou-se cerca mais de uma centena de árvores. Hoje tudo está deteriorado e todas as árvores desapareceram.



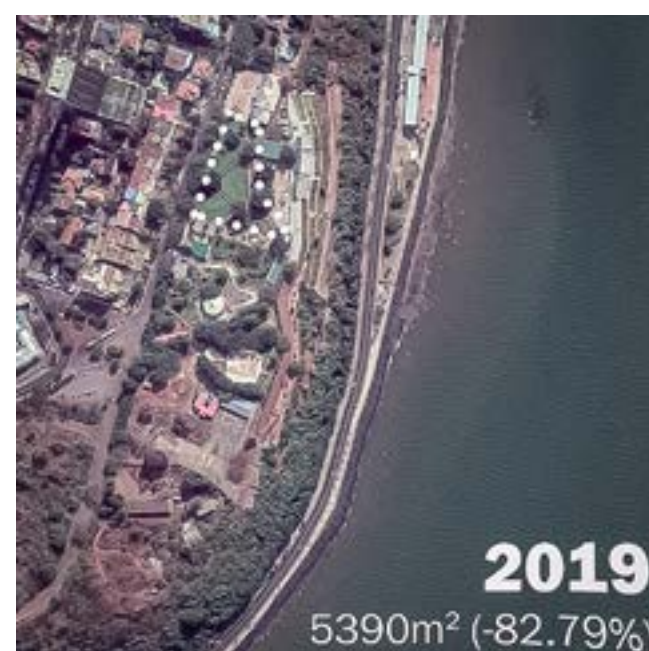
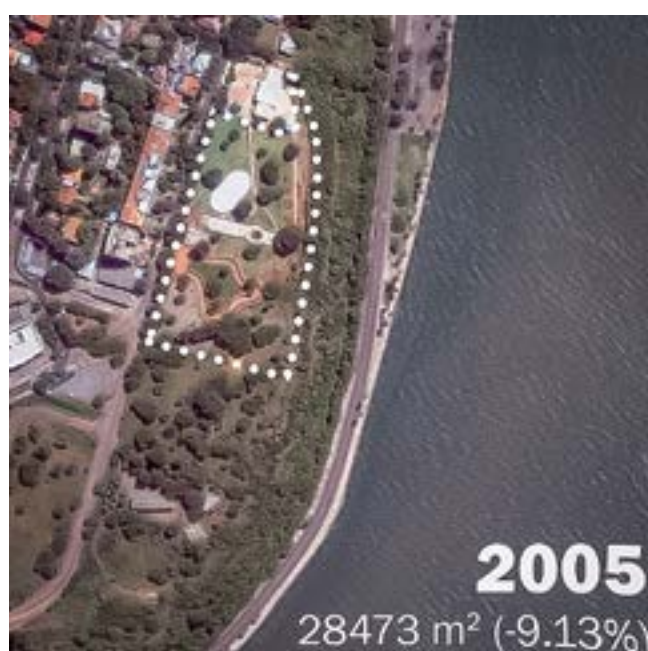
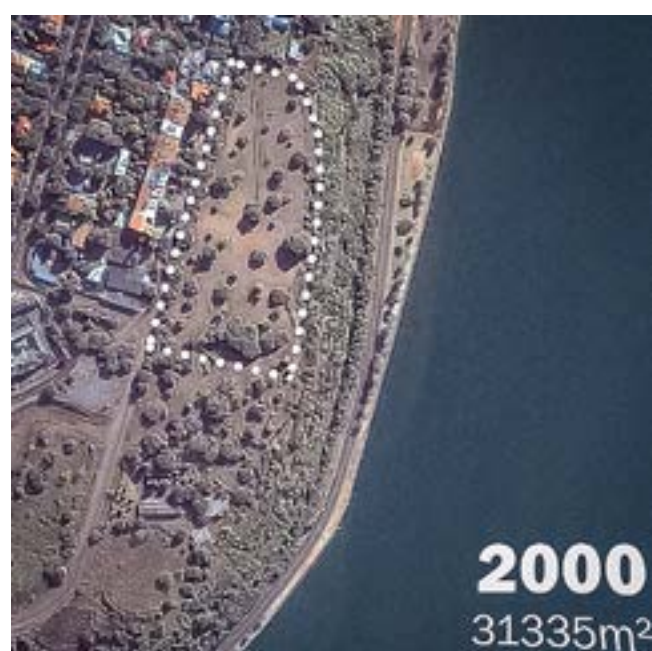
Caso 2: Muitos jardins da cidade de Maputo carecem de uma limpeza, ou até mesmo uma fiscalização de como são utilizados como é o caso do Jardim 28 de Maio, mas conhecido por Jardim dos Madjermanes que, além de se ter visto diminuído de grande parte para obras de raiz com fins comerciais, ainda por cima está com espaços não utilizados já vedados à espera de mais construções. A ocupação do jardim deu lugar a barracas que foram colocadas desordenadamente sem olhar para a estética do jardim.



Caso 3: O Circuito Repinga perdeu mais de metade do seu tamanho para se construir empreendimentos públicos e privados. Muito recentemente e mesmo depois de muitos protestos mais uma construção ocupou uma área considerável. Assim o Circuito que constituía um serviço público de elevado valor e frequentado por muitos cidadãos tornou-se um espaço de cimento, para carros e com um pequeno jardim.



Caso 4: Para quem gostava de caminhar ou fazer exercícios, desenhar, conversar, no Miradouro a contemplar o mar, fica cada vez mais difícil de fazê-lo hoje com todo o prazer visto que aquele local está todo ele degradado, cheio de lixo, com os bancos todos estragados e muitos carros estacionados no passeio. Para piorar, o Jardim dos Namoradas, nessa zona da cidade, foi paulatinamente sendo ocupado por edifícios comerciais que ocupam hoje mais de 80% da área inicial.



UM BOM EXEMPLO

O “Parquinho da Sommershield” mantém a maior parte da área dedicada ao público, está organizado com casas de banho públicas limpas e gerido pelos moradores da zona, sem fins lucrativos. Sustentado por um restaurante com área mínima que garante a manutenção do jardim e prova que se pode fazer coisas públicas sustentáveis.



OPINIÃO DO PERITO

O LUGAR DA SAUDADE DAS VOVÓS LINA E DELINA

É Domingo à tarde e as comadres Lina e Delina - depois de satisfeitas as obrigações de fé nas respectivas paróquias - ei-las ali coladinhas uma na outra, no Jardim Tunduru, no seu lugar predilecto de auto-consolação, um banco a meio do Jardim e sempre o mesmo. Foi assim: elas concheceram-se e, tiraram juntas uma fotografia, precisamente neste mesmo lugar. Foi por ocasião do enlace matrimonial dos seus respectivos filhos, o António Maluleque e a Deolinda Cachamba. Passo aqui, resumidamente, a contar a sua trágica história. O António, natural de Magude, província de Maputo e, a Deolinda, natural da Beira, província de Sofala, encontraram-se na Ilha de Juventude, Cuba, onde ambos eram estudantes das escolas moçambicanas resultantes da solidariedade entre Cuba, de Fidel CASTRO e, Moçambique, de Samora MACHEL. Quase no fim da sua jornada estudantil - e já a frequentarem o ensino médio técnico-profissional - eis que cupido lhes visita atravessando-lhes com uma seta que ficaria cravada, firme, nos seus corações jovens:

aí eles decidiram contrair matrimónio na primeira oportunidade já em solo pátrio. Dito e feito.

A apoteose do casamento aconteceu no Jardim Tunduro, numa tarde de Sábado. Tanto a Lina, ída da Beira, como a Delina, vinda de Magude, era a primeira vez que pisavam a Cidade das acácias e, por sinal, o local do encontro foi o pulmão verde da cidade: o Tunduro! Era tios para aqui, tias para acolá e, as comadres Lina e Delina - por sinal ambas já viúvas - não tinham mãos à medir para a satisfação da curiosidade geral: todos queriam ver as duas "cotas" a marcarem estilo junto dos nubentes. Depois de umas fotos junto à estufa - de ambas com o jovem casal - e de outras na zona reservada aos saraus culturais, foi a vez de uma foto, marcante, justo no corredor central do Jardim que liga as entradas da Av. Samora Machel e a Av. Vladimir Lenine: o deslumbramento foi total e as comadres não cabiam em si de euforia. Dia seguinte os jovens pediram às respectivas mães para que ficassem na sua recém-inaugurada casa, no Bairro de Magoanine, enquanto eles partiam em lua de mel, por uma semana, para destino paradisíaco: Bazaruto! Nunca ninguém jamais os viu: o barquito que lhes transpor-

tava da Cidade de Vilankulos para a Ilha de Bazaruto, a dada altura e devido à extrema bravura do mar, soçobrou e foi-se. Desde esse dia, justo aos fins de semana, as comadres sentam-se no mesmo banco do Jardim Tunduro onde tiraram a inolvidável fotografia junto do casal, o seu lugar de eleição - alfa e omega do seu senso de saudade e do sagrado - e revivem o mistério da vida, por vezes pungente. Não seria possível colocar-se, justo naquele banco, uma placa que imortalizasse o destino trágico dos jovens nubentes? Quem sabe, dentre familiares imediatos e outros amigos distantes e próximos poderiam existir mecenas que, por identificação com a efeméride e vontade de preservação do local, ajudariam aos cofres do Conselho Autárquico da Cidade de Maputo a cuidar melhor do Jardim Tunduro? Quem sabe, os lugares de saudade podem ser tantos naquele e noutros jardins da nossa Cidade das acácias.

Eduardo Siteo, MA/PhD (Essex/UK)
Prof. Associado UEM/Chefe: Deptº de Ciência Política & AP
Consultor de Governação & Políticas Públicas



CIDADÃOS DE MAPUTO
Por um crescimento urbano com qualidade de vida em Maputo

O QUE DESEJAMOS

- Construção Planificada
- Serviços Públicos em Áreas Desfavorecidas
- Espaços Verdes, Recreativos e Desportivos
- A Preservação do Património Histórico, Ecológico e Cultural
- Redistribuição Geográfica e Equilibrada do Investimento
- Limitação de Horários e Dias De Construção
- Requalificação Urbana Inclusiva
- Sistema De Transporte Condigno
- Cumprimento da Legislação Urbanística
- Debate e Acesso Público à Informação
- Acessibilidade Urbana Para Pessoas Com Mobilidade Condicionada
- Passeios Seguros E Transitáveis.

O QUE NÃO QUEREMOS

- Concentração De Construção e Serviços Num Distrito Municipal
- Expansão Urbana Sem Serviços Básicos
- Sistemas de Transporte Saturado e Inadequado
- Ocupação de Parques e Jardins Públicos
- Destruição do Património Histórico
- Requalificação Urbana Não Favorável aos Pobres
- Venda Do Património Do Estado
- Poluição Sonora, Ambiental e Estética
- Construção em Áreas Impróprias
- Construção Desordenada
- Especulação Imobiliária Descontrolada

FICHA TÉCNICA:

Edição: **Cidadãos de Maputo**
Fotografia: **Yassmin Forte**

PARA INFORMAÇÕES:

EMAIL:
cidadaosdemaputo@gmail.com

FACEBOOK:

<https://bit.ly/cidadaosdemaputo>



POR UM
CRESCIMENTO
URBANO QUE
GARANTA A
QUALIDADE DE VIDA
DOS **MUNÍCIPES DE**
MAPUTO



MAPUTO
A CIDADE QUE
DESEJAMOS

